BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: AS CONSEQUÊNCIAS DESTE FENÔMENO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO EDUCANDO

MÔNICA CATÃO DE LIMA YONEDA

Resumo
Este artigo analisa as características do bullying no ambiente escolar, destacando suas consequências no desenvolvimento integral dos educandos. O bullying, caracterizado por atos repetitivos de violência física, psicológica ou social entre pares, impacta significativamente a saúde emocional, social e acadêmica das vítimas. Com base em referenciais teóricos e dados de pesquisas, o texto apresenta as formas mais comuns de bullying, suas causas e os efeitos prolongados no comportamento e desempenho escolar, incluindo baixa autoestima, evasão escolar e dificuldades de relacionamento. Além disso, o estudo enfatiza o papel da escola como um espaço de acolhimento e prevenção, destacando a necessidade de programas pedagógicos e políticas institucionais para identificar e enfrentar o problema. A formação docente e a participação ativa da comunidade escolar são elementos fundamentais para a criação de um ambiente inclusivo e seguro. Conclui-se que o combate ao bullying requer um trabalho conjunto entre escola, família e sociedade para garantir o desenvolvimento saudável e integral dos estudantes. O presente trabalho tem por finalidade apresentar por meio de uma pesquisa bibliográfica, que a violência denominada Bullying tem se tornado cada vez mais recorrente no ambiente escolar, através de agressões físicas, moral ou psicológicas. Através de observação sobre a intolerância diante das diferenças, seja por condições financeiras, opção sexual, religião, etnia ou cor, surgiu o interesse em investigar sobre o tema e propor situações e atividades que colaborem no combate desta violência. O objetivo geral desta pesquisa é demonstrar como esta violência afeta a vítima e/ou o agressor de Bullying, demonstrando as diferenças e como solucionar, apresentando a importância da atuação em parceria tanto da escola como das famílias. Espera-se que a partir deste trabalho, gestores, educadores, pais e todos os envolvidos no processo de formação dos alunos, que possam identificar, combater e praticar a prevenção desta violência que afeta tantos jovens e adultos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Básica. Bullying. Aprendizagem. Consequências.

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista o Bullying, é uma forma de violência que é definia por repetidas agressões em um único indivíduo. O fenômeno ocorre principalmente em escolas, porque eles atraem estudantes de várias culturas, religiões, e etnias, o que, na sua vez, promove divergências que podem levar as doenças físicas, emocionais, ou psicológicos ataques. Como um resultado, buscou-se aprender mais sobre as características de este fenômeno.

Portanto, o vigente trabalho tem como finalidade principal apresentar os efeitos que o bullying ocasiona no desenvolvimento do aluno vítima e/ou agressor desta violência que não é nenhuma novidade na sociedade, nem mesmo nas escolas.

Pode-se dizer que quando se pensa no ambiente escolar, imagina-se um local acolhedor, construtivo, alegre e onde todos os alunos vão para a escola com o intuito de aprender e socializar-se. Contudo, é na escola que os alunos mais frágeis sofrem repetidamente as manifestações desta violência, por meio de agressões físicas e que diminuem a autoestima de quem sofre agressões psicológicas.

Com efeito, é sabido que estes tipos de intimidações que as vítimas de Bullying sofrem, ocasionam sérios problemas na saúde mental e física, sendo manifestada através do baixo rendimento, da evasão e da falta de vontade dos mesmo em ir frequentar às aulas.

Frente ao exposto, sabe-se que o que acontece é que muitas das vezes os pais, professores e os envolvidos no processo educativo, não conseguem identificar, ou nem mesmo sabem como lidar diante de uma situação de bullying.

Portanto, é notória a premência de vislum-

brar e clarificar sobre o fenômeno bullying está presente em qualquer forma de intimidação, que seja repetitiva, sendo realizado quando há agressões como xingamentos, apelidos pejorativos, empurrões, piadinhas desmoralizantes e dentre outras diversas formas.

Frente ao que foi dito, busca-se compreender o autor desta violência denominada bullying é considerado o agressor, sendo a vítima o indivíduo que sofre as agressões provocadas por motivos de intolerância, seja pela etnia, a condição financeira, a sexualidade ou até mesmo pelo fato de que o agressor pode ser uma vítima também.

Contudo, o objetivo geral desta pesquisa é apresentar de maneira clara e objetiva, sobre a importância de tratar sobre o tema bullying nas instituições educacionais, para que a partir disto, a equipe pedagógica, juntamente com as famílias, possa trabalhar as diferenças e assim superar certos preconceitos.

Nos objetivos específicos busca-se conscientizar os pais, professores e alunos, propondo situações de casos ocorridos desta violência, exemplificando os tipos de vítimas e de agressores existentes. E espera-se também que a partir deste trabalho, os casos de bullying diminuam nas unidades escolares.

2 CONCEITOS DE BULLYING E CYBERBULLYING

2.1. Concepção de Bullying e Cyberbullying

No que tange o Bullying é um termo de origem inglesa que surgiu em meados de 1980, identificado primeiro na Europa, que se refere aos atos agressivos e repetitivos contra um ou mais indivíduos que não se encaixam nos padrões estereotipados que a sociedade estabelece, como se todos os indivíduos precisassem ter um modelo a ser seguido.

O bullying envolve comportamentos, palavras e atos prejudiciais intencionais e repetidos. Os comportamentos presentes no bullying são variados, incluindo agressões físicas, ofensas, fofoca, exposição ao ridículo, humilhação, boatos, transformação em bode expiatório, acusações, isolamento e retaliações. Geralmente, no início da infância, pode ser um evento aleatório, sem muita importância, mas na juventude os alvos são escolhidos a partir de algo que se destaca como característica de em uma pessoa como: altura, magreza, gordura, usar óculos, origem étnica, situação socioeconômica, orientação sexual, etc. (MIDDELTON-MOZ E ZAWADSKI, 2007, p.21).

E Felizardo (2017, p.29) define que o termo Bullying "se refere à pessoa que usa força ou poder para atormentar e ferir aqueles que são escolhidos e, dessa forma, convencê-los a fazer alguma coisa".

Embora o bullying seja um problema de classificação mundial e mesmo após tantas pesquisas, este mal continua a existir e aumentar significativamente. É no ambiente de ensino que a ocorrência de casos é mais identificada, visto que é o principal local de socialização dos alunos, e devido à sua fase de formação, muitos desconhecem ou não aprenderam a lidar com as diferenças.

Na concepção de Villela (2016, p.09),

Quanto à origem do termo bullying, pode-se dizer que é oriunda de bully, expressão que pode ser traduzida como valentão, tirano ou brigão. Como verbo, bully significa tiranizar, amedrontar, brutalizar e oprimir, e, por fim, o substantivo "bullying" descreve o conjunto de atos violentos, intencionais e repetitivos praticados por um ou mais indivíduos, com o objetivo de intimidar ou agredir uma ou mais pessoas, incapazes de se defender. (VILLELA, 2016, p.09)

Vale salientar ainda, Só (2010, p.08) acredita que a existência do Bullying se dá no ambiente escolar devido à ausência de parâmetros que orientem e regularizem o comportamento humano. E de acordo com Neto (2005, p.03):

Por definição, Bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angustia, sendo executadas

Logo, este fenômeno é caracterizado por compreender diversos tipos de agressões e

de envolvidos, no entanto, a agressão mais característica e provavelmente a mais cruel, seja a violência psicológica e/ou moral.
Pode-se dizer que, o Bullying acompanhou a modernidade, pois o que antes era praticado pessoalmente passa a existir nas mídias sociais, que infelizmente são utilizadas para realizar brincadeiras de mau gosto e ameaças.
Frente ao que foi dito se um aluno tem uma aparência diferente da estabelecida como "bonita" pela sociedade, o mesmo é destacado e excluído por ser muito gordo ou magro, alto ou baixo demais.
O bullying, considerado um tipo de violência, é definido antes como um padrão de comportamento do que um evento isolado, e exerce um impacto negativo na vítima, no agressor e nas testemunhas. O bullying foi definido como um comportamento indesejado e agressivo entre crianças em idade escolar que envolve um real ou percebido desequilíbrio de poder. O comportamento é repetido ou tem o potencial para ser repetido ao longo do tempo.2 O bullying ou o cyberbullying constituem preocupações cruciais para crianças e adolescentes. (UNESCO, 2019, p. 08)

Para Fante (2011, p. 65) define esta violência como um "comportamento cruel intrínseco" durante a ação de socialização entre dois ou mais indivíduos, que tentam mascarar o bullying através das "brincadeiras".
Sob uma perspectiva geral em relação às questões financeiras de cada família, o aluno considerado sem condições financeiras é excluído e diminuído diante dos demais colegas que possuem melhores condições, fazendo com que a vítima se sinta inferior como pessoa. Mas existem diversos outros tipos de Bullying encontrados nas escolas, seja por motivos religiosos, opção sexual, raça, cor, etc.
Contudo, surge então, o Cyberbullying, que é uma forma evoluída de Bullying, pois por meio do mesmo é possível agredir outro(s) indivíduo(s) através das diversas redes sociais, de forma anônima.

Em relação aos recursos tecnológicos, Almeida (2014, p. 34) expressa que:
As tecnologias da informação e da comunicação modificaram o nosso cotidiano. Sabemos que a internet foi à principal ferramenta responsável pela desterritorialização do conhecimento, da cultura e de outros elementos que fazem parte da constituição da sociedade. Mediante o seu uso as barreiras geográficas e temporais são ultrapassadas, e sendo assim, podemos nos comunicar com quem quisermos de qualquer parte do mundo. Todas essas facilidades que a comunicação em rede nos permite são muito interessantes. (ALMEIDA, 2014, p. 34).

Pode-se dizer que o Bullying virtual é o atual problema do século XXI, demonstrando-se eficaz no requisito de comunicação. Contudo, na medida em que a tecnologia evolui para a interação social remota, infelizmente, alguns indivíduos fazem o uso incorreto desta ferramenta para praticar Bullying, agredindo psicologicamente o outro.
Sendo assim, os praticantes do Cyberbullying podem ser vários, pois é preciso apenas ter acesso à internet, não havendo limites geográficos para comunicar-se. Muitos dos envolvidos acreditam que estão realizando apenas uma simples brincadeira, não tendo empatia pela pessoa que sofre as humilhações.

2.2. Casos reais ocorridos

Frente ao exposto, sabe-se que o bullying ocorre frequentemente nas instituições de ensino e que infelizmente não são todos os casos relatados publicamente, pois em alguns casos, o assunto passa a repercutir apenas quando há atos como o suicídio, por exemplo.
Vale ressaltar, que no entanto, serão apresentados alguns casos ocorridos nas escolas, visando expandir a compreensão sobre o quanto este assunto continua sendo importante.
Vale inferir que todos os casos abaixo mencionados foram retirados do livro da autora Fante (2011, p. 32) e um caso extraído do site do G11, sendo que todos os nomes citados nestes casos são fictícios, afim de proporcionar o anonimato destas vítimas.
Caso A: Fernando, aluno da 3º série, nove anos, sentia-se sozinho e abandonado. Sem

amigos, não buscava ajuda de seus professores porque se sentia rejeitado por todos em decorrência de sua obesidade. Chegava a duvidar de que seus poucos amigos gostassem dele, ou de que tivessem algum interesse na sua amizade. Sentindo-se incapaz e ameaçado, buscou ajuda da direção escolar, pedindo que falassem com os seus agressores sobre os apelidos que recebia, pois não aguentava mais ser chamado de gordo. (FANTE, 2011, p.32)

Percebe-se que no caso A, o aluno sofria o Bullying psicológico, na qual os agressores conseguiram diminuir a autoestima significativamente deste aluno, mas felizmente, o mesmo resolveu buscar ajuda da Direção da escola.

Caso B: Gislaine, aluna da 2º série, de oito anos, estava faltando frequentemente à escola. Quando comparecia, chorava muito e não participava das aulas, alegando dores de cabeça e medo. Certo dia, alguns alunos procuraram a professora da turma dizendo que a garota estava sofrendo ameaças. Teria que dar suas roupas, sapato e dinheiro para outra aluna, caso contrário apanharia e seria cortada com estilete. Esse caso foi encaminhado à direção escolar, e a mãe da agressora convidada a comparecer na escola, onde relatou que a filha costumava chegar em casa levando roupas que não eram suas, mas afirmando tê-las ganho de uma coleguinha. (FANTE, 2011, p.32)

Diante dos fatores aplicados no caso B, a vítima não conseguiu pedir ajuda, mas teve colegas que se uniram para intervir por ela, o que é uma ação muito importante, pois as consequências poderiam ser desastrosas. Percebe-se ainda que a mãe da agressora apesar de achar estranho a filha chegar com roupas diferentes, nunca questionou nem procurou saber quem era a coleguinha que "dava" as roupas para sua filha.

Vale destacar que é importante que os pais tanto de agressores quanto das vítimas, estejam atentos aos comportamentos dos filhos, pois enquanto os alunos agressores irão esconder a verdade dos pais, os alunos que são as vítimas, podem demonstrar que há algo de errado na mudança de seu comportamento, como no caso da aluna Gislaine, ela não sentia mais vontade de ir à escola, faltando frequentemente.

Caso C: A aluna Márcia, 14 anos, disse que a sua vida na escola nunca fora boa porque sempre fora humilhada, desde a 1º série. Todo tem problemas, sou uma delas. Zoam de mim porque não falo direito. Eles não sabem o mal que me fazem. Márcia pensou várias vezes em abandonar a escola. No início do ano letivo apresentou problemas psicossomáticos graves, entrando em quadro depressivo. Após uma consulta, o médico atestou que deveria mudar de período, porque os problemas enfrentados em sala de aula estavam agravando sua saúde. Lamentavelmente ela não resistiu às humilhações e acabou por abandonar a escola. (FANTE, 2011, p. 33)

Em relação a aluna Márcia, ela foi discriminada pelo seu modo de falar, pois por apresentar dificuldades, fora excluída socialmente no ambiente escolar.

Caso D: Humberto, 16 anos, sentiu na pele o que é o terror na escola. Foi apelidado de Bob esponja e Bombril por causa dos seus cabelos crespos e do seu jeito calado e tímido. Aos poucos foi se sentindo rejeitado e isolando- se da turma. Disse que, quanto mais os colegas caçoavam dele, mais se isolava e sofria. Expressou sua angústia dizendo que gostaria de desaparecer e nunca mais ouvir falar em escola. (FANTE, 2011, p. 32)

O caso D é um exemplo claro de como as vítimas se sentem diante de tantas humilhações e exposições ao ridículo, pois quando o menino diz que "gostaria de desaparecer e nunca mais ouvir falar em escola", é a forma de dizer que deseja paz em sua vida.

Caso E: a aluna Janaína, entrevistada quando cursava a 3º série, disse pensar que a escola fosse um lugar de respeito e união, mas viu que não era. Logo no primeiro dia de aula os meninos a apelidaram de vaca malhada e onça pintada por causa de suas sardas, o que a deixou triste e chateada. O constrangimento durou o ano todo, como também na 2º série, já que os alunos eram praticamente os mesmos. Ela contou que queria responder aos ataques com o pior dos palavrões,

mas que engolia essa vontade e acabava suportando as humilhações, até que o ano terminou. Mas, claro, acabava um ano e começava um outro e tudo se repetia. E assim se repetiu também na 3º série. Ela esperava que na 4º série o assunto fosse encerrado, mas não foi isso o que aconteceu. (FANTE, 2011, p. 33).

Embora a escola devesse ser um local onde todos pudessem sentir-se acolhidos e seguros, infelizmente não é sempre o que acontece, como foi no caso da aluna Janaína.
Caso F: Miriam era uma boa aluna, tirava excelentes notas em todas as matérias. Algumas meninas, enciumadas com o seu bom desempeno e com o paparico de muitos professores, resolveram se unir para interferir em suas amizades. Espalharam boatos de que ela era sapatão. Logo suas amigas foram se afastando dela, deixando-a de lado. Sem saber o que estava acontecendo, aproximava-se delas buscando melhorar os relacionamentos. Convidava as colegas para irem ao shopping ou ao cinema, mas elas sempre arrumavam desculpas para não ir. Faziam festinhas e encontros, porém, não a convidavam. Aos poucos, Miriam foi se isolando e, quando percebeu, já estava excluída de todo o grupo. No horário do recreio, preferia ficar na sala de aula ou se trancava no banheiro. Somente entendeu o que estava acontecendo quando viu, no muro da escola, a inscrição: Miriam=sapatão. A garota ficou desesperada e não encontrou outra alternativa a não ser mudar de escola, piorando o seu desempenho escolar. Hoje, adulta, Miriam tem dificuldades em relacionar-se e a todo momento faz questão de demonstrar sensualidade, às vezes chegando à vulgaridade. Segundo ela, trata-se de uma estratégia para demonstrar que realmente é uma mulher. (FANTE, 2011, p.34).

Conforme elucidado, sabe-se que temos a clara percepção do quanto o Bullying afeta a pessoa ao longo de sua vida adulta, visto que a decadência de uma boa aluna, para uma aluna com baixo rendimento escolar foi uma das consequências geradas ao ser excluída e rejeitada socialmente. Percebe-se ainda o fato de que mesmo anos após seu sofrimento, Miriam ainda sentia a necessidade de provar sua sexualidade.
Dentro dessa ótica de possibilidades os casos acima apresentados são apenas alguns, de muitos que ocorreram e infelizmente, continuam ocorrendo. Um exemplo evidente e recente de que o Bullying ainda é um problema social, é o caso noticiado no site do (G1), em que a mãe de um garoto australiano, que possui nanismo, 9 anos de idade, postou um vídeo nas redes sociais em que o próprio filho estava chorando por sofrer discriminação na escola e manifestou ainda, o desejo de suicidar-se.

3 ESCOLA E FAMÍLIA FRENTE AO BULLYING

3.1. O papel do professor

Cabe enunciar que, o professor é o mediador de conhecimentos em relação aos alunos, sendo responsável por propiciar meios que direcionem os alunos para a aprendizagem.
Portanto, como educadores e mediadores de conhecimento, cabe ao docente permitir que o educando adquira conceitos de respeito, moral e ética.
Em relação a isto, Montalvão (2015, p. 12), afirma que:
Como professores e formadores de indivíduos conscientes de seus deveres e obrigações, precisamos fortalecer nos alunos as questões morais-éticas. E até mesmo resgatar valores que parecem estar se perdendo em nossa sociedade, como a cortesia, o respeito, a boa convivência.

Pode-se destacar, que em relação à escola, em primeiro lugar, deve conscientizar-se de que esse conflito relacional já é considerado um problema de saúde pública. Por isso, é preciso desenvolver um olhar mais observador, cuidadoso, tanto dos professores quanto dos demais profissionais ligados ao espaço escolar. Sendo assim, deve atentar-se para quaisquer sinais de violência, procurando neutralizar os agressores, bem como assessorar as vítimas e transformar os

espectadores em principais aliados no combate.

Nesse sentido, quanto à escola qual o referido o papel desta instituição diante do bullying?

Para Fante e Pedra (2008, p. 52) o bullying sempre existiu no ambiente escolar, é tão antigo quanto ao nascimento da escola, porém "infelizmente, muitas escolas não admitem a existência do fenômeno". Porém Pereira (2009, p.207) destaca que o papel da escola na atualidade sofreu e sofre mudanças drásticas, e vão além da função de formação acadêmica, agregando também funções como a socialização, formação de caráter e cidadania.

Polato (2007, p.141) afirma que, atualmente vive-se num período de crise severa da educação, onde o papel da escola não está tão claro e definido. Seu objetivo já não é somente ensinar conteúdos educativos tradicionais. No espaço escolar se vai, muito além disso, tornando-se também um espaço de interação e integração entre seus participantes. É também um lugar onde as crianças e adolescentes aprendem a se relacionar, conviver, adquirem valores e crenças, desenvolvem senso crítico, autoestima e a segurança necessária.

Um ponto que vale salientar, é que em referência ao Bullying, Fante e Pedra (2008, p. 53) consideram que este "acontece em todas as escolas, independentemente da sua localização, turno ou poder aquisitivo da comunidade escolar", considera a ABRAPIA em uma pesquisa sobre o bullying que este é um problema mundial.

Entretanto, o bullying no ambiente escolar pode ocorrer em vários locais, diferentes ocasiões, sejam nos pátios, nos horários de intervalos, banheiros, bibliotecas, corredores, quadras esportivas, salas de tecnologia, laboratórios, imediações da escola e na sala de aula, pesquisas apontam que no Brasil o bullying acontece principalmente em sala de aula (FANTE e PEDRA, 2008, p.34).

Nesse sentido que Constantini (2004 apud DETONI, 2008, p. 122), afirma que isso se deve principalmente por que:

No ambiente escolar é difícil libertar-se de certa distribuição de papéis, seja para o agressor ou para a vítima, ambos condicionados pelo grupo classe no qual estão inseridos. A sala de aula é determinante na elaboração de um sistema de regras de grupo, segundo o qual há aquele que é intimidado e aquele que deve intimidar aquele que é testemunha participante (via de regra a favor do intimidador) e aquele não-participante (indiferente ou às vezes a favor da vítima, mas amedrontado pela situação).

Portanto a função da escola diante do bullying é reconhecer, intervir, nessa existência da problemática e traçar estratégias eficazes para eliminá-la, Rolim (2008) destaca também que mais amplamente e para além das responsabilidades definidas no âmbito das escolas, a preocupação em prevenção ao bullying e das formas de violência em geral devem e podem ser pensadas desde os primeiros anos de vida do indivíduo, dessa forma a família seria a primeira a se preocupar em transmitir uma cultura de paz e harmonia, porém a escola, a sociedade e o Estado não estão eximidos dessa responsabilização.

Segundo Fante e Pedra (2008, p. 63) as formas de maus tratos empregadas nos atos de violência de bullying podem ser físicos, atos envolvendo "bater, chutar, beliscar"; verbal são atos de "apelidar, xingar, zoar; moral", atitudes de "difamar, caluniar, discriminar"; sexual, atos de "abusar, assediar, insinuar; psicológico, intimidar, ameaçar, perseguir; material, furtar, roubar, destroçar pertences; e virtual, zoar, discriminar, difamar, através da internet e celular".

Tendo em vista as práticas de violência para serem consideradas bullying seguem alguns critérios como: ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausência de motivos que justifiquem os ataques" (FANTE e PEDRA, 2008, p. 39). No Brasil, as pesquisas apontam para a sala de aula como local de maior incidência conforme Fante e Pedra (2008, p. 54).

Ainda segundo Fante (2005 apud PEREIRA, 2009, p. 44), o agressor "costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. É malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas", sendo assim fica evidente porque 45% dos alunos afirmaram não ser colega dos agressores. Fante e Pedra (2008,

p. 64) afirmam que no passado, acreditava-se que esse tipo de comportamento era próprio de meninos, porém, com os avanços das pesquisas, constatou-se ser comum também entre as meninas.

Fante (2008, p. 61) destaca ainda que muitos dos espectadores repudiam as ações dos agressores mais nada fazem para intervir e segundo Costantini (2004) e Lopes Neto (2005) há ainda os espectadores que estimulam a agressão são as testemunhas incentivadoras e os que tentam ajudar a vítima, são as testemunhas defensoras.

Importante frisar, que as testemunhas que se aproximam para ver a agressão são classificados por Costantini (2004) e Lopes Neto (2005) como observadoras, quando isso ocorre cotidianamente ante ao expressivo pode afirmar-se que o silêncio dos espectadores impera, para Fante (2008) os espectadores parecem estar engessados diante da violência. No trabalho de prevenção ao bullying no ambiente escolar vítimas, agressores e expectadores devem ser trabalhados a fim de evitar a propagação da violência.

Além disso, tomar algumas iniciativas preventivas do tipo: aumentar a supervisão na hora do recreio e intervalo; evitar em sala de aula menosprezo, apelidos, ou rejeição de alunos por qualquer que seja o motivo. Também pode-se promover debates sobre as várias formas de violência, respeito mútuo e a afetividade tendo como foco as relações humanas.

Nesse sentido, pode-se observar que mas tais assuntos precisam fazer parte da rotina da escola como ações atitudinais e não apenas conceituais. De nada valerá falar sobre a não-violência, se os próprios profissionais em educação usam de atos agressivos, verbais ou não, contra seus alunos. Ou seja, procurar evitar a velha política do "faça o que eu digo, não faça o que eu faço".

Segundo Aramis Lopes Neto, coordenador do programa de bullying da ABRAPIA: não se pode admitir que os alunos sofram violências que lhes tragam danos físicos ou psicológicos, que testemunhem tais fatos e se calem para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, diante da omissão e tolerâncias dos adultos, adotem comportamentos agressivos.

Frente ao exposto, infelizmente estamos vivendo uma época em que a violência se torna cada vez mais presente em todas as instituições escolares. A violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades, o que a torna questão preocupante devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade. (FANTE, 2005 p.20)

Logo, as práticas de violência, discriminação e preconceito, vivenciadas pelos alunos no cotidiano escolar, têm se apresentado como um grande desafio para os professores, equipe gestora e toda comunidade escolar. Essas práticas, muitas vezes, podem causar dificuldades na aprendizagem e causar traumas ao longo da vida.

Frente ao que foi dito, torna-se evidente que a prevenção começa pelo conhecimento. É preciso que as escolas reconheçam a existência do bullying e, sobretudo, esteja consciente de seus prejuízos para a personalidade e o desenvolvimento socioeducacional dos alunos.

Um outro fator determinante é sem dúvida ainda há um grande número de profissionais da educação que não sabe distinguir entre condutas de bullying ou outros tipos de violência, por não ter um preparo para identificar e desenvolver estratégias pedagógicas para enfrentar os problemas no ambiente escolar.

Desse modo, o despreparo dos professores ocorre porque, tradicionalmente, nos cursos de formação acadêmica e nos cursos de capacitação, são treinados com técnicas que unicamente os habilitam para o ensino de suas disciplinas, não sendo valorizada e necessidade de lidarem com o afeto e muito menos com os conflitos e com os sentimentos dos alunos. (FANTE, 2005 p.68)

Os professores deveriam ser preparados para educar a emoção dos seus alunos. Porém, muitos professores têm dificuldades emocionais para lidar com os problemas de maus tratos ou de violência que ocorrem dentro da sala de aula, e não tendo capacidade de lidar com esses problemas e de oferecer uma reposta eficaz a situação, acabam reagindo com agressividade.

A escola precisa capacitar seus profissionais para a observação, para que os mesmos possam identificar, diagnosticar e saber intervir nas situações do bullying ou até mesmo aos

encaminhamentos corretos, levando o tema à discussão com toda a comunidade escolar e traçar estratégias que sejam capazes de fazer frente ao mesmo.

De acordo com Pedra (2008), além de todo o esforço da equipe escolar frente ao bullying, é preciso contar com a ajuda de consultores externos, como especialistas no tema, psicólogos e assistentes sociais.

Conforme Fante (2005), comenta que, a conscientização e a aceitação de que o bullying ocorre com maior ou menor incidência, em todas as escolas do mundo, independente características "culturais, econômicas e sociais dos alunos", são fatores decisivos para iniciativas no combate à violência no contexto escolar. Para desenvolver estratégias de intervenção e prevenção ao bullying em uma escola, é necessário que a comunidade escolar esteja consciente da existência do mesmo, sobretudo, das consequências relacionadas aos envolvidos, a esse tipo de comportamento.

Desta forma, percebe-se que é primordial sensibilizar e envolver toda a comunidade escolar, família e comunidade na luta pela redução do comportamento bullying.

Segundo Chalita (2008), salienta que algumas atitudes simples que podem ser tomadas por parte da direção escolar, podem ajudar a reduzir ou minimizar os casos de bullying no ambiente escolar.

É necessário que toda equipe escolar participe desse processo, desde o primeiro dia de aula, esclareça sobre o que é bullying, e que não será tolerado nesse ambiente condutas do mesmo nas dependências da escola. Todos os alunos devem se comprometer a não o praticar e a comunicar a direção escolar sempre que presenciarem ou forem vítimas da conduta do bullying.

É essencial também que os professores promovam debates sobre bullying nas salas de aula, fazendo com que o assunto seja bastante divulgado e assimilado pelos alunos. Estimulando os estudantes a fazerem pesquisas sobre o tema na escola, para saber o que alunos, professores e funcionários pensam sobre o bullying e como acham que se deve lidar com esse assunto tão importante e pela tamanha gravidade ele é pouco divulgado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere ao presente estudo, podemos concluir que a violência existe desde os tempos antigos, sendo identificado apenas quando casos graves como o suicídio começaram a surgir. O pesquisador Dan Olweus foi essencial na identificação e na elaboração do primeiro programa anti-bullying, entretanto, o Bullying ainda é um problema social da atualidade.

Foi possível efetivar uma reflexão sobre e pelo fato de a instituição denominada escola ser formadora de cidadãos para a sociedade, a melhor maneira de erradicar esse mal social é ensinando no local de formação.

Contudo, pode-se entender que a construção de valores como empatia, ética, moral, solidariedade e outros, faz necessário na medida em que a ausência destes se mostram no tratamento harmonioso com o outro.

Percebe-se que o Bullying ocorre principalmente no ambiente escolar, mais especificamente na sala de aula, porém, as crianças da atualidade não praticam a violência somente nas escolas, fazem uso também da internet e das redes sociais para agredirem remotamente e de forma anônima, praticando o Cyberbullying.

Pode-se observar que a ocorrência de casos de violência verbal e física nas escolas faz com que o educando se sinta reprimido, indesejado e muitas das vezes incapaz de se defender pelo fato de sentir-se inferior ao agressor. Isto se expressa nas pequenas atitudes que o aluno vítima apresenta, como não desejar frequentar a escola, perder o apetite nas refeições e demonstrar um baixo rendimento escolar.

Vimos que a atuação em conjunto entre professor, escola e família é fundamental na redução ou até mesmo na eliminação deste fenômeno desastroso.

Assim, o trabalho do professor que percebe em sua sala de aula a existência do Bullying por meio de alguns dos efeitos demonstrados ao longo do trabalho, deve primeiramente conversar com este aluno.

O trabalho docente diante de tal violência, é

de despertar a conscientização e a empatia dos alunos, pois não há uma formação inserida nos cursos de docência que lide diretamente com esta área social.
Conclui-se que é primordial que sejam feitas intervenções diante da falta de formação adequada que englobe esse tipo de problema, que afeta diretamente no desenvolvimento cognitivo do aluno, cabe ao professor buscar meios de capacitar-se.

No decorrer deste trabalho foi possível analisar algumas formas transversais de se prevenir o Bullying, inserindo atividades que contemplem as disciplinas escolares com atividades contra o Bullying.
Portanto, podemos afirmar que o trabalho anti-bullying é grande, ao precisar trabalhar com os pais, alunos e equipe escolar atuando unidos, com o mesmo propósito, o de proporcionar o melhor desenvolvimento e aprendizagem para os discentes.

REFERENCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALMEIDA, Daiana Calixto de. Cyberbullying: uma abordagem sobre os reflexos da violência nas redes sociais. Monografia (Graduação em biblioteconomia)- Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: p.68, 2014.

BEANE, Allan. Proteja seu filho do bullying: impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles. Tradução: Débora Guimarães Isidoro, Rio de Janeiro, RJ: Ed. BestSeller, 2010. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/395547411/Proteja-seu-filho-do-bullying-Impec-a-que-ele-maltrate-os-colegas-ou-seja-maltratado-Allan-Beane.

BORGES, B. Casos de bullying e discriminação aumentam entre alunos e professores nas escolas de SP, diz pesquisa. São Paulo. G1 (globo.com). São Paulo: 2019. Disponível em https://g1.globo.com/sp/sao- paulo/noticia/2019/12/18/casos-de--bullying-e-discriminacao-aumentam-entre--alunos- e-professores-nas-escolas-de-sp-diz-pesquisa.ghtml.

BRASIL, Lei Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015.http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm.>. Acesso em: 12/03/2021.

CALHAU, Lélio Braga. Bullying O que você precisa saber. 3ª Ed. - Niterói, RJ: Impetus, 2011.

COSTANTINI, A. Bullying, como combatê-lo?: prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Tradução Eugênio Vinci de Morais. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

DETONI, B.Bullying: O Lugar da Criança na Família, o Lugar da Criança na Escola. In: Pensando Famílias, 12(1), jul. 2008; (119-131)

ERIKSON, E.H. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FANTE C. Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência Nas Escolas e Educar Para a Paz. 6ª ed. São Paulo. Versus Editora, 2011.

FANTE, Cléo e PEDRA, José Augusto. Bullying escolar: perguntas e respostas/ Cléo Fante e José Augusto Pedra- Porto Alegre: Artmed, 2008.

FELIZARDO, A. R. Bullying escolar: prevenção, intervenção e resolução com princípios da justiça restaurativa. 1º ed. Editora: Intersaberes, 2017, p. 302.

GLOBO, Vídeo viral de menino que sofre bullying gera onda de comoção e apoio global | Educação | G1 (globo.com). Acesso em 21/03/2021.

LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying: saber identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.